

SOBRE A NATUREZA DA INDÚSTRIA DE SERVIÇOS: *TRADABLE* OU *NON-TRADABLE*?

Anita Kon
EITT/PUCSP

1. Introdução

A partir do desenvolvimento tecnológico nos sistemas de transportes (desde o século XVI), tem sido possível às nações a intensificação de suas inter-relações econômicas, ampliando o acesso a insumos e a mercados, com resultados na internacionalização econômica. Esta internacionalização que desde aquele século tinha o caráter de trocas comerciais de mercadorias se intensificou na segunda metade do século XIX, passando da esfera da circulação de mercadorias, para a da produção, com o desenvolvimento da indústria na Europa e o processo extremamente rápido de concentração da produção. Transformou-se, nestas circunstâncias, na internacionalização do capital financeiro, como resultado da acumulação de capital nos Bancos, que passam a atuar não só como intermediários, mas como monopolistas do capital-dinheiro, de meios de produção e de matéria-prima em vários países, unindo-se às empresas no processo produtivo (Kon, 1994)¹.

Esta concentração dos excedentes de capital, que são exportados, resultou num novo estágio de desenvolvimento industrial, já neste século, através de investimentos diretos das grandes empresas no exterior na produção de matérias-primas e de produtos manufaturados, em busca de mercados mais amplos, menores custos dos fatores produtivos e de um modo geral, maior retorno ao capital investido.

Particularmente a partir da Segunda Guerra Mundial, uma parte dos países, até então menos desenvolvidos, foram também conduzidos a um processo de industrialização, e a uma nova divisão internacional do trabalho, que conservou, porém uma desigualdade estrutural já consolidada anteriormente, resultante do monopólio do novo conhecimento científico e técnico. Estes países receberam este conhecimento tecnológico já pronto, sem possuírem inicialmente o controle desta técnica e convertiam-se apenas em base de fabricação mundial, sobretudo por oferecerem a vantagem de uma mão-de-obra barata.

Dessa maneira, com a continuidade dos avanços tecnológicos nas áreas de transportes e comunicações do pós-guerra, o próprio aparato produtivo das empresas é deslocado para o exterior, inicialmente com a internacionalização da produção de produtos acabados. Posteriormente, a partir do final dos anos 1960 (particularmente com o avanço da

microeletrônica e da tecnologia da informação), em alguns setores o processo de produção é internacionalizado, com o desenvolvimento de cada parte do processo em uma diferente região mundial. O fenômeno da globalização, intensificado no mercado mundial na década de 1990 é, portanto, um processo histórico de internacionalização do capital, que se difundiu com maior velocidade, particularmente a partir das três últimas décadas graças ao avanço tecnológico.

Neste contexto, desde a década de 1980 configurou-se uma nova etapa mais avançada e veloz de transformações tecnológicas e de acumulação financeira, intensificando a internacionalização da vida econômica, social cultural e política. Observou-se então que as atividades econômicas passaram progressivamente a se desenvolver de forma independente dos recursos de um território nacional, sejam recursos naturais ou "construídos pelo homem". Esta desterritorialização tem como causas o padrão do progresso técnico, a preferência dos consumidores, organização corporativa e/ou políticas públicas de governos nacionais, o que favorece a maior mobilidade dos fatores produtivos sem perda de eficiência, competitividade e rentabilidade (Lerda, 1996)².

Como salienta Milton Santos³, a noção de território, na atualidade, transcende a idéia apenas geográfica de espaços contíguos vizinhos que caracterizam uma região, para a noção de rede, formados por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais; o espaço econômico, neste sentido, é organizado hierarquicamente, como resultado da tendência à racionalização das atividades e se faz sob um comando que tende a ser concentrado em cidades mundiais (cujas características serão analisadas posteriormente com maior detalhe), onde a Tecnologia da Informação desempenha um papel relevante; este comando então passa a ser feito pelas empresas através de suas bases em territórios globais diversos.

2 O desenvolvimento da internacionalização de serviços

As transformações na estrutura produtiva não se deram apenas no montante de produto gerado ou nos processos tecnológicos. Em anos recentes, principalmente após a década de 80, a economia mundial caracterizou-se por mudanças substanciais na natureza das atividades manufatureiras, e as demandas por produtos estão sendo atendidas por uma economia mundial, como visto. A internacionalização de capital, que se elevou desde o início deste século com as empresas multinacionais e posteriormente transnacionais, resultou na

globalização mundial das atividades econômicas desde os anos 80. A contribuição dos serviços no campo dos transportes e das comunicações facilitou as configurações das instalações de produção das empresas multinacionais. Essas configurações, porém, são sustentadas por serviços sofisticados de construção civil e de planejamento e também por serviços financeiros internacionais. Esses serviços asseguram inter-relacionamentos nos canais de produção e distribuição, desempenhando papel relevante no fluxo da economia internacional. Dessa forma, grupos sofisticados de serviços estão substituindo as atividades manufatureiras tradicionais como setores líderes das economias avançadas e, possivelmente, das economias em desenvolvimento.

Já no primeiro quinquênio dos anos 90, o comércio de instrumentos financeiros intensificou-se mundialmente, a ponto de mostrar maior peso do que o comércio internacional de bens materiais. Estimativas indicam que, para cada dólar utilizado para a compra de bens, cerca de sete a oito dólares foram utilizados em transferências financeiras internacionais em que não estavam envolvidos bens (Daniels e Lever, 1996). Enquanto o movimento de bens pela economia mundial requer transportes, e a distância e a localização ainda são relevantes na atividade econômica devido ao impacto dos fretes, o movimento de informações, incluindo a informação financeira, não é afetado adicionalmente pela longa distância desde que sejam utilizados para isso sistemas de satélites ou de linhas fixas.

No caminho do desenvolvimento tecnológico e do processo de globalização econômica da década de 1990 mencionado, novas formas de competição entre empresas e sistemas econômicos se moldam e prevalecem em diversas áreas. Observa-se inicialmente uma integração financeira internacional, com aumento do volume e da velocidade de circulação dos recursos disponíveis. Do ponto de vista comercial, a globalização acarreta no desenvolvimento de semelhanças nas estruturas de demanda e homogeneidade da estrutura de oferta dos vários países. A competição entre empresas se volta não apenas para o produto, mas principalmente para a tecnologia dos processos produtivos (Svetlicic, 1993)⁴. A competitividade tecnológica implica também em custos elevados em pesquisas para desenvolvimento de produtos existentes e criação de novos produtos e serviços, na sofisticação no atendimento da demanda, e na provisão de assistência técnica. As empresas se reestruturam geograficamente, visando a competição a nível mundial, procurando as vantagens comparativas de cada país.

Por outro lado, os processos produtivos passam a apresentar semelhanças entre as técnicas produtivas, métodos organizacionais e administrativos. Estes processos estimulam a concentração de capital e de mercados, e a consolidação de oligopólios. No entanto, muitas vezes estas estruturas de mercado se revestem de rigidez excessiva ante os novos paradigmas baseados em flexibilidade produtiva e distributiva. Algumas pesquisas (UN, 1993)⁵ mostram o fato de que nestas condições, a oferta de produtos é interligada em âmbito mundial, através da crescente cooperação entre empresas, que entram em acordos quanto à divisão de mercado, à troca de conhecimentos tecnológicos, compartilhando muitas vezes riscos e custos financeiros. O aumento do número de fusões a nível mundial leva à evidência do crescimento da atuação das empresas transnacionais, que no entanto se concentram regionalmente, no sentido do atendimento dos grandes blocos econômicos que se desenvolveram.

Por outro lado, com a aceleração da globalização, a política econômica de cada país passa a ser grandemente condicionada por fatores externos, visando atender aos objetivos da competitividade internacional e da participação ativa no processo de interrelação mundial. Em cada economia nacional, a velocidade da internacionalização das atividades, em grande parte, é influenciada pelas políticas públicas internas compatíveis com os requisitos do aumento dos fluxos entre países. Neste contexto, os reflexos da aceleração do progresso tecnológico nas últimas décadas e do processo de globalização econômica foram intensos sobre a natureza e sobre a divisão nacional e internacional do trabalho, e particularmente sobre a condição de internacionalização dos serviços.

As transformações na estrutura produtiva não se deram apenas no montante de produto gerado ou nos processos tecnológicos. Em anos recentes, particularmente após a década de 1980, a economia mundial se caracterizou por mudanças substanciais na natureza da produção, como visto, e as demandas por bens e serviços estão sendo atendidas por uma economia mundial, como visto. Desde então, a internacionalização de capital, que se elevou desde o início deste século com as empresas multinacionais e posteriormente transnacionais, resultou na globalização mundial das atividades econômicas. A esta integração, a contribuição dos serviços no campo dos transportes e das comunicações facilitou as configurações das instalações de produção das empresas multinacionais. Porém estas configurações são sustentadas através de serviços sofisticados de Construção Civil e de planejamento e também por serviços financeiros internacionais.

Estes serviços asseguram interrelacionamentos nos canais de produção e distribuição, desempenhando o papel relevante no fluxo da economia internacional. Dessa forma, grupos sofisticados de serviços estão substituindo as atividades manufatureiras tradicionais enquanto setores líderes de economias avançadas e possivelmente das economias em desenvolvimento.

Muitas empresas transnacionais de serviços tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, decidem seus investimentos externos diretos de acordo com as possibilidades de melhor resposta às demandas. Um estudo da ONU coordenado por Karl Sauvant (1993)⁶. Investigou empiricamente os determinantes destes investimentos diretos no exterior. As conclusões do estudo revelaram que quando as empresas das indústrias de serviços investem no exterior, suas motivações são semelhantes aos investidores das indústrias manufatureiras, ou seja, procuram operar em grandes mercados, povoados por culturas não muito diferentes das próprias, com um montante mínimo de restrições governamentais, fornecendo para firmas que são clientes pré-estabelecidos de seu próprio país. As firmas das indústrias oligopolísticas tendem a ser particularmente ativas pois as barreiras à entrada limitam o alcance da livre entrada de firmas marginalmente lucrativas. Mas ainda que as empresas de serviços sejam atreladas a uma determinada localização, a tecnologia está começando a mudar este atributo.

Assim, as exportações de serviços bem como as importações, são uma parte importante do processo de internacionalização à medida que os mercados globais se tornam mais relevantes para as relações econômicas. Muitas cidades, tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, foram confrontadas nos anos 1970 com disparidades no crescimento e em colapsos periódicos nos mercados de terra, trabalho e moradias, bem como em outras tendências econômicas. À medida que o processo de internacionalização exigia certas transformações na infra-estrutura econômica principalmente através de atividades de serviços, estas regiões puderam observar uma recuperação com relação ao decréscimo do desenvolvimento econômico e um aumento das oportunidades de emprego, embora os trabalhos para a mão-de-obra não-qualificada tenham progressivamente diminuído e a demanda por profissionais qualificados tenha significativamente aumentado.

A internacionalização da economia mundial na década de 1980 reforçou a posição de muitas cidades desenvolvidas na hierarquia financeira global, como no caso da região metropolitana de Nova York, anteriormente citado, que é um bom exemplo dos efeitos da internacionalização dos serviços (Warf, 1991). O ressurgimento dramático da centralidade

mundial desta cidade nos anos 1980 se deve grandemente na orientação internacional do crescimento da região, devido à internacionalização da economia de serviços, embora seja errôneo atribuir a recuperação da região inteiramente ao setor de serviços, desde que Nova York ainda concentra empregos manufatureiros em alta intensidade, mas foram os serviços financeiros e auxiliares às empresas, particularmente os mais internacionalizados, que foram primeiramente responsáveis pela recuperação da região. Outras cidades mundialmente dinâmicas da Europa e da Ásia passaram por processos semelhantes, desde os anos setenta.

A desregulação dos serviços financeiros e o advento de modos avançados de comunicação intensificaram a internacionalização de firmas de serviços financeiros. A globalização da economia mundial criou um novo papel para as cidades que são eixos internacionais de negócios e para aquelas que são ligadas pela tecnologia da telecomunicação. Originalmente, as atividades bancárias internacionais se desenvolveram como um complemento do comércio internacional, pois é um imperativo das instituições financeiras de ter a presença física próxima do cliente e uma presença ativa nos mercados mais relevantes, a fim de realizar efetivamente os negócios que são intensificados por conexões diretas confiáveis. Apenas recentemente as atividades bancárias internacionais e o comércio internacional se colocam separadamente como duas partes de uma rede mundial ao invés de formarem uma unidade. Na atualidade, os mercados financeiros operam 24 horas diariamente auxiliados pela transferência eletrônica de informações e de fundos ao redor do mundo.

Apoiados pela base financeira, outras atividades de serviços vêm se difundindo mundialmente, visando o atendimento de assessoria a empresas ou à demanda de serviços de consumo familiar. No caso do Brasil, além da importação de serviços financeiros e de telecomunicações, uma série de empresas prestadoras de serviços de outras nacionalidades vem investindo no mercado deste país, mais intensamente no segundo quinquênio dos anos noventa, principalmente por meio de franquias. Trata-se particularmente de serviços de limpeza doméstica, oficinas mecânicas, cabeleireiros, lavanderias, locação de veículos, redes de *fast-food*, serviços hospitalares e equipamento em domicílio, entre outros. A globalização destes serviços tem provocado a médio prazo, redução de preços do setor no mercado brasileiro, tendo em vista que, de uma forma geral, estes serviços utilizam padrões de qualidade e de eficiência (estabelecidos pela matriz) superiores às similares nacionais, resultantes da tecnologia usada ou de insumos importados para sua operacionalização, com ganhos de escala e muitas vezes com processos automatizados. A importação destes serviços,

apresenta reflexos consideráveis no comércio internacional e Balanço de Pagamento dos países.

Nesta evolução da internacionalização produtiva, a mercadoria representada por bens materiais tem sido particularmente objeto de comércio internacional e tradicionalmente os serviços têm sido considerados como não comercializáveis internacionalmente (*non-tradable*) devido à sua natureza não-material. A concepção de produtos *tradable* se refere usualmente a bens que têm potencial para exportação ou importação. Alguns bens são *non-tradable*, seja devido à sua natureza ou devido aos altos custos de transporter por unidade do produto, altas tarifas e outras restrições. Alguns exemplos destes produtos internacionalmente não comercializáveis citados em análises econômicas se referem no setor de habitação, geração de eletricidade, transporte, serviços educacionais e pessoais, entre outros. O Banco Mundial em estimativas para na década de 1990, inclui na proporção de produtos não comercializáveis internacionalmente de alguns países em relação ao PIB, transportes e comunicações, serviços de seguro, corretagem comercial e de propriedades, serviços pessoais, sociais e comunitários, administração pública, segurança e defesa. Como exemplos, citam a proporção de produtos *non-tradable* para alguns países no PIC: 48% no Brasil, 53% na Argentina, 67% na Bélgica, 63% no Japão, 59% no México e 46% para a Coreia.

Com a intensificação da mudança tecnológica na área de transportes, comunicações e particularmente com o advento da Economia da Informação facilitada pela difusão da microeletrônica, as transformações produtivas e a intensificação da internacionalização econômica tiveram como resultados indiretos a crescente integração dos serviços com os processos produtivos das mercadorias; estes processos produtivos dos bens passaram a se revelar gradativamente intensivos em serviços. Paralelamente, a eficácia da distribuição internacional das mercadorias bem como da difusão do conhecimento e da informação, assumem papel significativo no sistema econômico globalizado. Conseqüentemente, também se elevam a intensidade e a velocidade da comercialização internacional de serviços, que na atualidade são reconhecidos como mundialmente comercializáveis (*tradable*) (Kon, 1996)⁷ A possibilidade de serem comercializados no exterior estabelece a necessidade de comparação contínua entre seu preço e o de seus competidores externos, desde que não se coloquem outras barreiras à substituição de um produto por outro. A concorrência internacional tem como efeito acirrar a própria concorrência doméstica, na disputa pela participação no mercado que se amplia. Entre algumas conseqüências, o crescimento da concorrência pode resultar na

redução do preço dos bens *tradable*, induzida pela redução dos preços de bens finais e de insumos importados, associada ao esforço de redução de custos e mudanças na estratégia das empresas, com crescimento das subcontratações e do *outsourcing* internacional dos serviços transacionados (Amadeo, 2001).

O mercado internacional para serviços se ampliou consideravelmente, desde que a incerteza econômica por parte das firmas e dos países se elevou, e se tornam cada vez mais necessários ajustes nos seu comportamento, visando a contenção de custos e a competição nos mercados mais dinâmicos. A atualização da informação e do conhecimento sobre processos organizacionais e produtivos é uma busca constante e os fluxos internacionais destes insumos resultam da ampliação da concorrência globalizada. Como salienta Castells (1999)⁸: “O novo espaço industrial é organizado em torno de fluxos da informação que, ao mesmo tempo, reúnem e separam — dependendo dos ciclos das empresas — seus componentes territoriais. ...a nova lógica espacial se expande criando uma multiplicidade de redes industriais globais, cujas intersecções e exclusões mudam o próprio conceito de localização industrial de fábricas para fluxos industriais.” .

3. A crescente participação dos serviços no comércio mundial

Os serviços desempenham um papel crescentemente importante nas relações econômicas entre as nações, além do papel considerável nas economias nacionais em todos os níveis de desenvolvimento, com maior intensidade nas economias mais avançadas. Na atualidade, como visto, a produção de serviços é uma atividade econômica central na maior parte dos países. Dados da *World Trade Organization* para 1996, mostravam uma participação dos serviços no valor adicionado total de países de baixa renda em torno de 37%, de 53% em países de renda média e nos de alta renda a representatividade superava 70%. Estas cifras são significativamente superiores às das décadas anteriores, que se situavam cerca de 5% a 10% abaixo, nos três grupos.

Em uma série de países, os serviços têm sido mais relevantes para o crescimento do emprego do que sugerem as representatividades acima descritas. Isto se deve ao fato de que muitos serviços tradicionais, que incluem a distribuição, educação e outros serviços sociais, são intensivos em trabalho. Em muitos setores de serviços ainda é mais difícil a substituição de trabalho por capital do que nas atividades manufatureiras. A expansão dos serviços tem

sido conduzida pelas mudanças na demanda, relacionadas às condições de renda regionais, beneficiando determinados setores, como por exemplo a indústria de hotelaria e turismo. O estímulo econômico resulta das novas tecnologias da comunicação e informação, como mencionado anteriormente, e também da base de infra-estrutura de serviços, que inclui transportes, comunicações e financeiros, que atendem uma ampla gama de usuários industriais.

Como visto, os serviços são considerados como menos comercializáveis mundialmente (*non-tradable*) do que as manufaturas ou produtos agrícolas. Argumentos nesse sentido salientam que muitas transações com serviços requerem a presença simultânea tanto do produtor quanto do consumidor ou, em áreas onde a distância normalmente não teria importância, os mercados são normalmente protegidos por regulamentos e controles governamentais rigorosos. No entanto, isto não é completamente verdadeiro na atualidade para um número crescente de serviços, pois as mudanças técnicas e a reforma nos processos de regulação aperfeiçoaram as condições de oferta em uma série de países e setores. Novas tecnologias de transmissão puseram por terra os antigos conceitos de distância e muitos governos buscaram abrir antigos monopólios a fim de promover a eficiência e mobilizar novos capitais e especializações. Por exemplo, muitos serviços bancários, de educação e médicos puderam ser fornecidos via Internet (WTO, 2004).

Como reflexo, estes desenvolvimentos contribuíram para a rápida expansão no comércio exterior. Enquanto o comércio internacional de mercadorias aumentou anualmente cerca de 6%, nos serviços o aumento foi de 8% entre 1980 e 1995. Como resultado, neste período a participação no comércio mundial se elevou de 16 a 18%.

A WTO explica que estes resultados podem ser considerados como subdimensionados, salientando que as cifras para o comércio de manufaturados são infladas artificialmente por uma parcela elevada de crescente de re-exportações e, em segundo lugar, os dados avaliados para os serviços não conseguem captar modos importantes de oferta e subestimam a realidade. Isto porque, baseados nas definições dos Balanços de Pagamentos, os dados de serviços cobrem apenas transações entre residentes e não-residentes e ignoram, por exemplo, serviços comercializados através de agências ou subsidiárias de empresas, que um fornecedor pode operar em mercados exteriores. Apesar disto, o volume do comércio mundial de serviços em 1996, era de US\$ 1.350 bilhões, ou seja, duas vezes superior ao comércio mundial em equipamentos de máquinas e de telecomunicação para escritórios (WTO, 2004).

Dessa forma, as economias mundiais maiores e mais avançadas, que incluem Estados Unidos, Japão e a maior parte de países da União Européia, estão entre os mais importantes fornecedores e importadores de serviços, revelando uma posição superior neste comércio em relação ao de mercadorias. Uma série de países menos avançados vêm desenvolvendo indústrias de serviços, capitalizando vantagens comparativas, como por exemplo, na área de turismo, ou para atender a crescente demanda de países regionalmente próximos, por outros serviços de infra-estrutura ou financeiros.

A Tabela 1 ilustra a evolução do mercado global para bens e serviços desde a década de 1970 ao início da de 1990, e a posição das principais economias do mundo neste campo. Estas informações coletadas pelas Nações Unidas, foram classificadas em grupos de países, como segue:

a) Países desenvolvidos: América do Norte, inclui Canadá e Estados Unidos; Ásia, incluindo Israel e Japão; Europa, inclui Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Islândia, Irlanda, Itália, Holanda, Noruega, Portugal, Espanha, Suécia, Suíça e Reino Unido; África do Sul; Oceania, inclui Austrália e Nova Zelândia.

b) Países em Desenvolvimento: América, inclui México, e todos os países da América do Sul e Central; África, inclui todos os países exceto África do Sul; Ásia, inclui todos os países exceto Israel e Japão; Europa, inclui Malta, a anterior Iugoslávia, Albânia, Bulgária, a anterior Tchecoslováquia, Hungria, Polônia e Romênia; Oceania inclui Fiji, Kirribati, Papua Nova Guiné, Samoa, Ilhas Solomon, Tonga e Vanuatu.

Ainda que os dados sobre importações e exportações de bens e serviços não possam revelar as características anteriormente mencionadas do comércio de serviços e não possam ser ajustados ao tamanho da população, renda *per capita* e progresso tecnológico, é possível efetuar-se análises relevantes a partir das informações disponíveis. Primeiramente, a tabela reflete o grau de interdependência das principais economias que realizam o comércio internacional, que aumentou rapidamente de 1970 a 1993, tanto para bens quanto para serviços; e no caso dos serviços a tendência de crescimento foi muito marcante particularmente nas regiões desenvolvidas, mas também evidenciado nos países em desenvolvimento.

Tabela 1
Exportações e Importações de bens e serviços
(Bilhões de US \$)

Economias	Bens		Serviços	
	Exportações	Importações	Exportações	Importações
Desenvolvidas				
1970	221	214	88	84
1980	1255	1327	555	520
1993	2544	2449	1561	1562
América				
1970	59	54	27	26
1980	292	309	131	104
1993	601	726	323	294
Ásia				
1970	20	17	5	6
1980	133	134	35	47
1993	366	230	211	217
Europa				
1970	133	134	54	46
1980	778	841	379	348
1993	1501	1419	1003	1009
África do Sul				
1970	3	4	1	2
1980	26	18	4	8
1993	24	18	4	9
Oceania				
1970	6	5	1	3
1980	27	25	6	13
1993	53	51	19	32
Em desenvolvimento				
1970	55	54	14	26
1980	555	443	120	209
1993	976	1006	279	364
América				
1970	16	16	5	9
1980	105	110	35	64
1993	141	161	56	92
África				
1970	13	11	2	6
1980	96	76	15	37
1993	67	75	26	44
Ásia				
1970	23	23	5	10
1980	343	240	64	101
1993	748	753	191	221
Europa				
1970	2	3	1	1
1980	10	15	5	7
1993	17	15	5	5
Oceania				
1970	0,2	0,4	0,1	0,1
1980	1	2	0,4	1
1993	3	2	1	2

Fonte: *UN Handbook of International Trade and Development Statistics*, UN, 1995.

Em segundo lugar, a disparidade entre o grau de interdependência das principais economias e as economias de menor nível de desenvolvimento é grande e crescente. Na economia internacional, as atividades de serviços estão fortemente incluídas no contexto de crescimento da dependência ou interdependência econômica global. Embora os países em desenvolvimento mostrem um maior nível de dependência dos mais avançados, as economias modernas também revelam um grau de dependência de suprimentos e de mercados externo, como mostrado na tabela pelo montante de importações. Esta dependência ou interdependência é representada por todas as formas de intercâmbio econômico que ocorrem através da compra e venda de bens e serviços entre fronteiras e através da produção direta de indivíduos ou empresas de uma nação no território de outra nação. Vários fatores afetam a significância desta (inter)dependência para os vários países, dependendo do tamanho de seus mercados, de sua população (consumidores), sua renda *per capita*, e do nível de progresso tecnológico de cada economia.

Mas com relação à interdependência dos serviços, não é possível sua mensuração apenas através dos dados de comércio internacional, porque os serviços são parte integrante do processo de produção de bens, no que se refere à integração econômica, como já mencionado. Portanto, as mudanças através do tempo no conteúdo dos serviços nos bens, ou seja, o fato de que os bens estão se tornando “intensivos em serviços”, também deveria ser levado em conta na avaliação da contribuição dos serviços na interdependência global. Infelizmente, estas informações ainda não são disponíveis nas estatísticas gerais.

Porém, como é possível observar-se a partir da Tabela 2, já em 1993, a parcela dos serviços em relação à participação dos bens no comércio internacional, tanto com relação às exportações quanto às importações se situou acima de 30% para os países desenvolvidos e de 26% para os ditos emergentes, mostrando uma tendência de crescimento, como é possível ser constatado a partir das significativas taxas anuais de crescimento desde 1980. É interessante notar que embora exista uma tendência esperada de os países em desenvolvimento importarem um montante maior de serviços do que de exportarem, para a maior parte das economias avançadas, com exceção das da América do Norte, a parcela de importações de serviços também é superior à das exportações, confirmando a interdependência dos mercados globais.

No caso do Brasil, a participação da exportação dos serviços em relação à dos bens foi de aproximadamente 12,7% no período e, portanto consideravelmente inferior à média dos

países em desenvolvimento da América, no entanto aproximando-se mais da média da América do Sul que foi de 18,8%. Por outro lado, no que se refere às importações de serviços, a participação do país em relação aos bens importados se situou em 40%, superior aos demais em desenvolvimento da América e da América do Sul, situada em torno de 36%. Portanto observou-se um resultado negativo ou deficitário no equilíbrio da Conta Corrente do Balanço de Pagamentos brasileiro, que vem se repetindo e se intensificando, para os demais anos da década de noventa.

A composição do comércio internacional de serviços entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, bem como entre os países dentro de cada grupo e região, revela a especialização de cada economia. Por exemplo, os países europeus são muito mais especializados em turismo do que as outras nações, como é observado a partir da parcela relacionada a Viagens na distribuição das exportações. Esta espécie de serviços apresenta a segunda maior taxa anual de crescimento no comércio internacional para todos os países. A maior participação é encontrada nos serviços denominados de “Outros”, que incluem principalmente assistência técnica e consultoria para novos processos produtivos, informação, telecomunicação e outros serviços de informática, ou seja refletindo a acima mencionada transferência de conhecimento. Estas atividades representam uma parcela importante de serviços de exportação principalmente nos países desenvolvidos americanos e asiáticos, onde os produtores e distribuidores destes setores têm à sua disposição um montante maior de meios modernos de informação e conhecimento. São também consideráveis em outros países em desenvolvimento, com exceção dos localizados na Europa, devido à situação econômica e política pela qual estão passando estes países europeus menos desenvolvidos.

O padrão de especialização da pauta de exportações de serviços é muito diferenciado entre países desenvolvidos e a América Latina. As informações para os países de maior dinamismo mundial agregados no denominado grupo G-7, mostram de 1970 a 1995, uma queda na participação de exportações e importações de serviços comerciais tradicionais (embarques e outros transportes), e uma elevação no item Viagens. Por os serviços denominados “Outros”, apresentam elevação surpreendente de 34% em 1970 para 47,2% em 1995 nas exportações, com a mesma direção nas importações, embora com menos intensidade (Horta e outros, 1998)⁹.

Tabela 2
Comércio Exterior Mundial de Serviços, segundo regiões
1993

(%)

Economias	Serviços como % bens	Distribuição do Com. Ext. de Serviços				Taxas anuais de crescimento dos serviços (1980-93)			
		Seguros	Transp.	Viagens	Outros	Seguros	Transp.	Viagens	Outros
EXPORTAÇÕES									
Desenvolvidas	30,3	3,0	4,1	81,9	11,0	3,8	5,2	8,7	9,6
América	30,9	5,0	19,9	39,4	35,7	3,9	8,9	12,8	17,4
Ásia	16,5	20,4	20,9	10,4	48,3	4,0	33,0	7,1	8,1
África do Sul	15,0	11,9	32,8	46,6	8,7	1,7	0,0	6,3	-0,5
Oceania	31,5	7,6	29,7	41,8	20,8	33,8	5,7	12,5	10,3
Em desenvolvim.	26,2	10,8	16,2	36,7	36,2	8,4	4,5	8,6	9,5
América Latina	34,4	7,0	16,4	45,6	31,0	4,3	3,0	6,9	7,2
.Brasil	12,7	29,8	17,2	25,7	27,3	4,8	10,6	17,7	3,7
África	39,3	6,2	29,6	34,2	29,9	-3,0	4,2	6,5	8,5
Ásia	22,2	12,8	13,2	33,9	40,1	13,2	5,6	11,2	11,1
Europa	32,5	4,5	82,1	9,8	3,6	4,8	2,9	-0,8	-6,2
Oceania	34,3	4,9	19,7	35,4	39,9	13,7	6,4	5,9	20,5
IMPORTAÇÕES									
Desenvolvidos	31,8	13,2	17,0	31,9	37,9	4,6	5,2	8,8	10,3
América	20,4	10,5	17,6	39,8	32,1	4,9	7,4	10,7	15,5
Ásia	46,9	10,5	24,5	29,6	35,4	6,7	4,2	14,3	10,8
Europa	35,1	14,3	14,8	30,0	40,9	4,4	4,9	7,5	9,4
África do Sul	30,5	25,9	21,1	38,8	14,2	0,8	1,6	7,2	-1,3
Oceania	35,2	20,5	25,0	30,3	24,2	2,3	5,8	5,9	8,9
Em desenvolvim.	27,2	28,7	13,6	24,4	33,3	3,9	4,7	6,5	6,3
América Latina	30,3	23,0	18,7	35,9	22,3	3,9	11,5	4,0	4,2
.Brasil	40,0	15,8	26,4	21,1	36,7	6,6	0,5	13,2	7,3
África	35,6	45,5	16,4	25,3	12,8	-1,1	0,7	1,8	0,8
Ásia	25,9	30,2	12,0	22,7	35,1	5,6	9,0	9,3	9,4
Europa	33,8	20,3	18,0	8,4	53,3	2,7	2,9	9,7	1,1
Oceania	62,0	25,0	4,3	10,8	60,0	2,1	-2,0	10,3	17,2

Fonte: *UN Handbook of International Trade and Development Statistics*, United Nations, 1995.

No que se refere ao Brasil, a composição das exportações de serviços é bastante diferenciada dos demais países de nível aproximado de desenvolvimento, afastando-se grandemente dos mais desenvolvidos, apresentando uma divisão quase que balanceada (de 26 a 30%) entre os serviços de Seguros, Viagens e Outros, e inferior (em torno de 17%) para os Transportes. Porém com relação às importações a participação do item Outros, que como vimos inclui grande parte da transferência de conhecimento, totalizou quase 37% no ano pesquisado e a dos Transportes representou acima de ¼ do total, enquanto as Viagens representaram pouco acima de 20%. As informações para o Brasil revelam taxas de crescimento anuais consideráveis entre 1980 e 1993 para as exportações de serviços de

Viagens (17,1%), ou seja, de gastos no país realizados pelos turistas e homem de negócios procedentes do exterior e temporariamente em viagem pelo país. Também revelam taxas consideráveis de crescimento as exportações de Transportes (10,6%), ou seja, os fretes internacionais pagos pelos residentes em outros países, pela utilização de infra-estrutura e dos meios de transportes pertencentes a empresas nacionais. Em contrapartida, as importações de serviços de Viagens, ou os gastos de brasileiros no exterior, também mostraram um crescimento anual significativo (13,2%), porém as taxas para importações de Transportes foram pouco significativas no ano analisado.

É possível concluir-se que no período de 1970 a 1995, tanto as exportações quanto importações de serviços no Brasil revelaram baixo dinamismo, pois no caso das exportações a política pública era voltada para incentivo das exportações de mercadorias e na década de 1980 as políticas de ajuste do Balanço de Pagamentos praticavam a contenções das importações, particularmente a partir da crise de 1982.

Dados mais recentes da Organização Mundial do Comércio (WTO, 2003) revelam as condições dos serviços como responsáveis por uma parcela crescente do comércio internacional. As informações sobre exportações (créditos) e importações (débitos) dos denominados Serviços Comerciais são originadas das estatísticas sobre transações em serviços internacionais incluídas no Balanço de Pagamento dos países, em conformidade com os conceitos, definições e classificações do Manual de Balança de Pagamentos do Fundo Monetário Internacional. A categoria de Serviços Comerciais nestas informações é definida como compreendendo os serviços (excluídos de serviços governamentais) nas informações encontradas nos Balanços de Pagamento dos países. Estes Serviços Comerciais são subdivididos em Transportes, Viagens e Outros serviços comerciais.

Os Transportes cobrem todas as modalidades de serviços de transportes como marítimo, aéreo e outros, que são executados por residentes de uma economia para os residentes de outra e que envolvem passageiros, movimento de bens (fretes), aluguéis de empresas transportadoras (afretamento de navio, aviões, etc.) e outros serviços auxiliares. O item Viagens inclui bens e serviços adquiridos por viajantes pessoais, para fins de saúde, educação e outros e por viajantes a negócios. De modo diferente de outros serviços, a categoria Viagens não se refere a um tipo específico de serviços, porém uma forma de consumo dos viajantes em bens e serviços. Os bens e serviços mais comuns compreendidos

são estadia, alimentação, bebidas, entretenimento e transportes (na economia visitada), presentes e lembranças.

Outros serviços comerciais correspondem aos seguintes componentes, definidos no Manual de Balanço de Pagamentos da WTO: (i) serviços de comunicação (telecomunicações, postais e de mensageiros); (ii) serviços de construção; (iii) serviços de seguros; (iv) serviços financeiros; (v) serviços de computação e informática (incluindo serviços de agências); (vi) taxas de *royalties* e licenças, relacionadas a serviços de comércio exterior e receitas pelo uso de ativos intangíveis não-financeiros e direitos de propriedade, tais como patentes, *copyrights*, marcas registradas, processos industriais e franquias; (vii) outros serviços às empresas compreendendo os relacionados ao comércio exterior, *leasing* operacional (aluguéis) e negócios diversos, serviços de relações públicas, de propaganda, pesquisa de mercado e de opinião pública, serviços de pesquisa e desenvolvimento, de arquitetura, engenharia e outros serviços técnicos, de agricultura, mineração e processamento via internet; i (viii) serviços pessoais, culturais, de lazer, incluindo audiovisuais.

As informações do comércio mundial para os países do G-7 (Estados Unidos, Canadá, Japão, Alemanha, França, Reino Unido e Itália), a partir de 1980 a taxa de crescimento das exportações de serviços comerciais se mostrou superior à das mercadorias, e para esse grupo foi superior à verificada no global do mundo. Entre estes serviços comerciais os denominados serviços Diversos, tiveram maior expansão relativa de 1970 a 1995, de 34% para 47,2%. Com relação às importações, o grupo G-7 mostrou uma elevação na relação entre serviços comerciais e mercadorias de 21,3% em 1980 para 25,2% em 1994, com ligeira redução para 21,1% em 1995 (Horta e outros, 1998)¹⁰.

O mesmo comportamento se verificou na América Latina (exclusive o Brasil), porém com menor intensidade, de 1980 a 1995, quando a relação entre exportações de serviços comerciais e de mercadorias se elevou de 20,9% para 24,3% em 1994, porém caindo para 20,2% em 1995. Para o Brasil, o comportamento foi diferente, pois as exportações de serviços comerciais se elevaram a taxas médias superiores às das mercadorias apenas entre 1970-75 e 1985-95, sendo inferiores entre 1975 e 1985. Portanto essa relação entre exportações de serviços e mercadorias caiu de 1975 a 1985 no Brasil de 11,8% para 7,8%, mas eleva-se novamente em 1995 quando atinge 13%. No que diz respeito às importações, porém o comportamento da relação é o mesmo verificado para os G7 e a América Latina, sendo este coeficiente maior para o Brasil do que para o primeiro grupo (Horta e outros, 1998)¹¹.

Como é observado na Tabela 3, os fluxos mundiais de Serviços Comerciais tiveram no primeiro quinquênio da década de 1990, taxas de crescimento anuais consideravelmente superiores do que no período posterior da década, em todas as categorias de serviços. Particularmente os ligados a Outros serviços auxiliares às empresas, cujo crescimento anual de 16% foi inusitado e não se repetiu. O crescimento do consumo em Viagens neste primeiro período, também foi significativo, desde que a conjuntura internacional favorecia o turismo e os negócios.

Tabela 3
Fluxos mundiais de Serviços Comerciais
1990- 2002

	Total	Transportes	Viagens	Outros
Variação média (%a.a)				
1990-95	9,3	6	9	11
1995-2000	4,4	3	3	6
2000	6,1	7	4	7
2001	0,1	-1	-2	2
2002	6,4	4	4	9
Valor em 2002				
(US\$ Bilhões)	1570	350	480	740
Participação (%)	100	22,4	30,6	47,0

Fonte: *World Trade Organization Report, 2003. Elaboração da autora.*

Na segunda metade dos anos 1990, os fluxos mundiais observaram diminuição da dinâmica das economias, porém as taxas de crescimento não foram desprezíveis e nova tendência a crescimento se verificou no ano de 2001, particularmente no item Transportes que superou as Viagens, particularmente Transportes de carga. A economia mundial, havia emergido da desaceleração verificada no início dos anos 90 e da crise financeira ocorrida em 1997-98, apresentando em 1999 uma aceleração na taxa de crescimento do produto global. No entanto, o início de um novo processo de recessão era perceptível desde o final dos anos 2000 e começo de 2001 nos países industrializados, e os acontecimentos catastróficos do ataque terrorista agudizaram a situação. Nos três primeiros trimestres de 2001, a desaceleração da economia norte-americana já mostrava seus efeitos nocivos sobre o desempenho de outros países, não apenas os menos desenvolvidos mas também os mais avançados. Naquele período, as discussões sobre a política econômica mundial giravam em torno da maneira como se verificaria uma “aterissagem suave” nos EUA, de modo a evitar maior recessão.

Certamente, os efeitos econômicos mais diretos dos atentados se relacionaram à destruição e interrupção de algumas atividades nos Estados Unidos, durante alguns dias, como o fechamento de escritórios, restaurantes, estabelecimentos comerciais na zona afetada, suspensão de atividades financeiras, de seguros e imobiliários, bem como do transporte aéreo. Estas perdas diretas, estimadas pelo Banco Mundial (2002)¹² em 1,5% da produção trimestral do país, se difundiram sobre outras atividades através de efeitos diretos e indiretos e também sobre o consumo privado. Dessa forma, o choque de 11 de setembro reforçou as tendências que se vinham observando nos indicadores econômicos tanto daquele país quanto mundiais, e postergou a recuperação da economia norte-americana em um ou dois trimestres e, como consequência, a retomada do crescimento do comércio mundial.

Os Estados Unidos, antes exportador de crescimento e importador de bens intermediários, capital e consumo, tornou-se exportador do processo de retração e da dificuldade de sobrevivência de empresas de graus diversos de aporte de capital, difundidos inicialmente com maior rapidez através das organizações multinacionais e transnacionais. Uma gradual transformação nos relacionamentos básicos entre as instituições e os agentes sociais e econômicos é observada entre governos, entre empresas, governos e empresas, governo e cidadãos, ou entre empresas e consumidores, particularmente retraindo a internacionalização de serviços.

A forma como estes acontecimentos afetaram, do ponto de vista econômico, os distintos países, setores e organizações foi diversa, diretamente por meio da diminuição de exportações de bens manufaturados aos Estados Unidos e a outros países, pela repercussão nos preços de matérias-primas, ou ainda pela diminuição dos gastos no comércio exterior em serviços ligados ao transporte aéreo e ao turismo. O crescimento do comércio mundial sofreu uma desaceleração de 13% em 2001 e até fevereiro de 2002 já havia decrescido 2%. Os preços dos *commodities*, exceto petróleo, declinaram em cerca de 7% em 2001, desestimulando o aumento da produção. Por outro lado, os fluxos do mercado de capitais decresceram de um patamar de US\$240 bilhões em 2000 para US\$ 160 bilhões no final de 2001 (World Bank, 2002)¹³.

Na Tabela 3, são observados os reflexos desta conjuntura sobre os fluxos de Serviços Comerciais internacionais que registraram crescimento nulo e taxas negativas nas categorias de Transportes e viagens. Além das medidas das instituições financeiras públicas, uma das questões mais relevantes relacionadas à mudança de atitudes das organizações privadas após

11 de setembro, se relaciona à atitude em relação aos planos de investimentos. No que se refere às organizações produtivas, particularmente às multinacionais ou transnacionais, a necessidade de conviver com esta nova realidade aumentou a incerteza com relação à política de inversões internas e dos Investimentos Diretos no Exterior (IDE). Colocou em cheque a continuidade da ampliação da abertura internacional de seus relacionamentos econômicos, por questões de segurança, mudança da demanda mundial, ou ainda maior dificuldade de livre fluxo de insumos e capital financeiro. Em alguns países, aceleraram-se medidas para a substituição de importações, lado a lado com a busca por parceiros comerciais pertencentes ao mesmo bloco econômico regional.

De um modo geral, os países reagiram às repercussões dos acontecimentos, de acordo com a composição de sua estrutura produtiva, seja esta mais especializada em indústrias e serviços dinâmicos, oligopolizados e atuantes em sistemas transnacionais de produção ou comércio, seja mais tradicional e voltada para o mercado interno. De qualquer maneira, em todas as situações, o rápido fluxo interno e internacional de indivíduos, bens e serviços foi reduzido e controlado, paralelamente ao esforço de acompanhar e congelar o dinheiro usado por organizações terroristas, através de mudanças nas regras bancárias.

Especificamente na América Latina, as repercussões comerciais se refletiram mais fortemente no México, na América Central e no Caribe, que constituem economias estreitamente vinculadas à conjuntura dos Estados Unidos, particularmente pela especialização em exportações das indústrias maquiladoras, como as de alta tecnologia da Costa Rica e do México, mais sensíveis ao ciclo econômico. As atividades turísticas, hoteleiras e do transporte aéreo, se reduziram sensivelmente no Caribe, com o cancelamento de reservas e vôos, alta dos custos resultante das medidas de segurança e dos seguros. Por outro lado, o desenvolvimento econômico foi afetado não apenas pelo menor dinamismo da economia norte-americana — o mercado mais importante para estes países — mas também pela deterioração dos preços de exportação de seus produtos básicos, como insumos primários para indústria, minerais e energia. No entanto, em Dezembro de 2001, os efeitos mais imediatos dos acontecimentos haviam se moderado, tendo em vistas as medida contracíclicas adotadas tanto por países avançados quanto da América Latina e as perspectivas de recuperação começaram a se mostrar paralelamente ao recebimento de investimentos diretos vindos do exterior (IDEs), no início de 2002 (CEPAL, 2002)¹⁴.

Nos países industrializados, as medidas anticíclicas de diminuição das taxas de juros dos Banco Central Europeu e de outras autoridades monetárias, associadas à baixa inflação e políticas estruturais específicas, começaram a criar, também nos finais de 2001, um ambiente menos crítico para as organizações econômicas, o que propiciou o reinício da busca de melhoria na produtividade através do aprimoramento tecnológico, com vistas à retomada do desenvolvimento, assim que a fase negativa do ciclo começasse a reversão. Começou a se delinear mundialmente uma evolução favorável no contexto geo-político, tendo em vista a execução coordenada das políticas econômicas anticíclicas das economias industrializadas, o que facilitou a queda das taxas de juros internacionais. Os mercados financeiros recuperaram o nível de preços anteriores à crise e o preço das matérias-primas atingiu seu ponto mínimo.

Do lado das empresas, as campanhas de promoção comercial dos países industrializados da América do Norte e Europa, aliadas à melhoria do ambiente internacional, elevou as perspectivas de retomada de planos. Como consequência, os fluxos internacionais de serviços, em 2002 já apresentaram elevação considerável (6,4%), particularmente no item de Outros serviços (9%), que representa cerca de 47% do volume total de fluxos de serviços.

Como visualizado na Tabela 4, que ilustra as taxas de crescimento anual do valor dos Serviços Comerciais do Comércio Exterior de 1995 a 2002, segundo grandes regiões mundiais, os anos de 1995 a 1997 foram de alto crescimento no comércio mundial de serviços, tanto para países desenvolvidos da América do Norte, Europa e Ásia, mas também para os países emergentes da América Latina. As crises financeiras asiática e russa repercutiram de forma consideravelmente negativa no Comércio Exterior de serviços em 1998 (-14,1%), porém não em outras regiões mundiais, com exceção da África. A partir de 2001, grande parte de países desenvolvidos (exceto da Europa Ocidental) e também da América Latina, sofreram impactos da desaceleração econômica mundial apresentando taxas negativas ou baixas de crescimento nestas transações internacionais.

As Américas do Norte e Latina foram as regiões que receberam os maiores impactos negativos dos acontecimentos de 11 de Setembro, particularmente com relação às exportações e esta última região registrou taxas negativas nestes fluxos em 2002, particularmente no que se refere às Importações, como decorrência de problemas conjunturais macroeconômicos de países representativos como a Argentina e Brasil. No entanto, neste ano, a recuperação das regiões da Europa Ocidental (em torno de 9%) e Ásia foi significativa, tanto para exportações

quanto importações, elevando a média de crescimento do valor do comércio internacional de serviços para mais de 5%.

Tabela 4
Taxa de crescimento anual no valor do Comércio Exterior em Serviços Comerciais, segundo regiões mundiais.
1995-2002 (% a.a.)

	Exportações					
	América do Norte	América Latina	Europa Ocidental	África	Ásia	Mundo
1995	9,5	7,1	14,3	14,3	18,5	14,6
1996	9,5	4,3	4,9	9,1	9,2	7,2
1997	7,6	7,5	2,2	1,9	5,0	4,1
1998	3,0	6,6	7,2	-3,1	-14,1	1,0
1999	8,5	2,0	2,5	9,2	4,8	3,8
2000	7,5	10,9	2,1	0,2	12,1	6,1
2001	-3,0	-2,4	2,3	0,5	-0,8	0,2
2002	0,9	-3,5	9,2	2,2	6,9	6,2
	Importações					
	América do Norte	América Latina	Europa Ocidental	África	Ásia	Mundo
1995	6,2	4,2	15,4	11,8	21,0	14,8
1996	7,8	3,2	4,3	3,0	7,3	5,9
1997	8,8	14,0	0,7	6,0	1,9	3,2
1998	7,3	4,0	9,2	1,4	-10,6	1,9
1999	9,6	-3,8	3,6	-2,5	4,9	3,8
2000	12,4	10,8	1,6	4,6	8,2	6,1
2001	-1,4	0,7	2,7	1,6	-2,4	0,6
2002	1,0	-8,8	8,7	2,2	3,4	5,2

Fonte: *World Trade Organization Report*, Geneva, 2003.

Tabela 5
Comércio Exterior: Participação dos Serviços Comerciais em regiões selecionadas por categorias.
2002 (%)

	Transportes		Viagens		Outros	
	Export.	Import.	Export.	Import.	Export.	Import.
América do Norte	17,2	27,3	31,1	29,4	51,7	43,3
América Latina	18,0	28,8	54,6	28,6	27,3	42,6
Europa Ocidental	21,8	22,5	28,7	30,0	49,5	47,5
União Européia*	21,2	21,8	28,1	29,7	50,7	48,5
África	26,2	37,7	47,9	20,9	25,8	41,3
Ásia	25,8	31,5	28,3	26,9	45,9	41,6
Japão	37,0	29,6	5,4	25,0	57,6	45,4

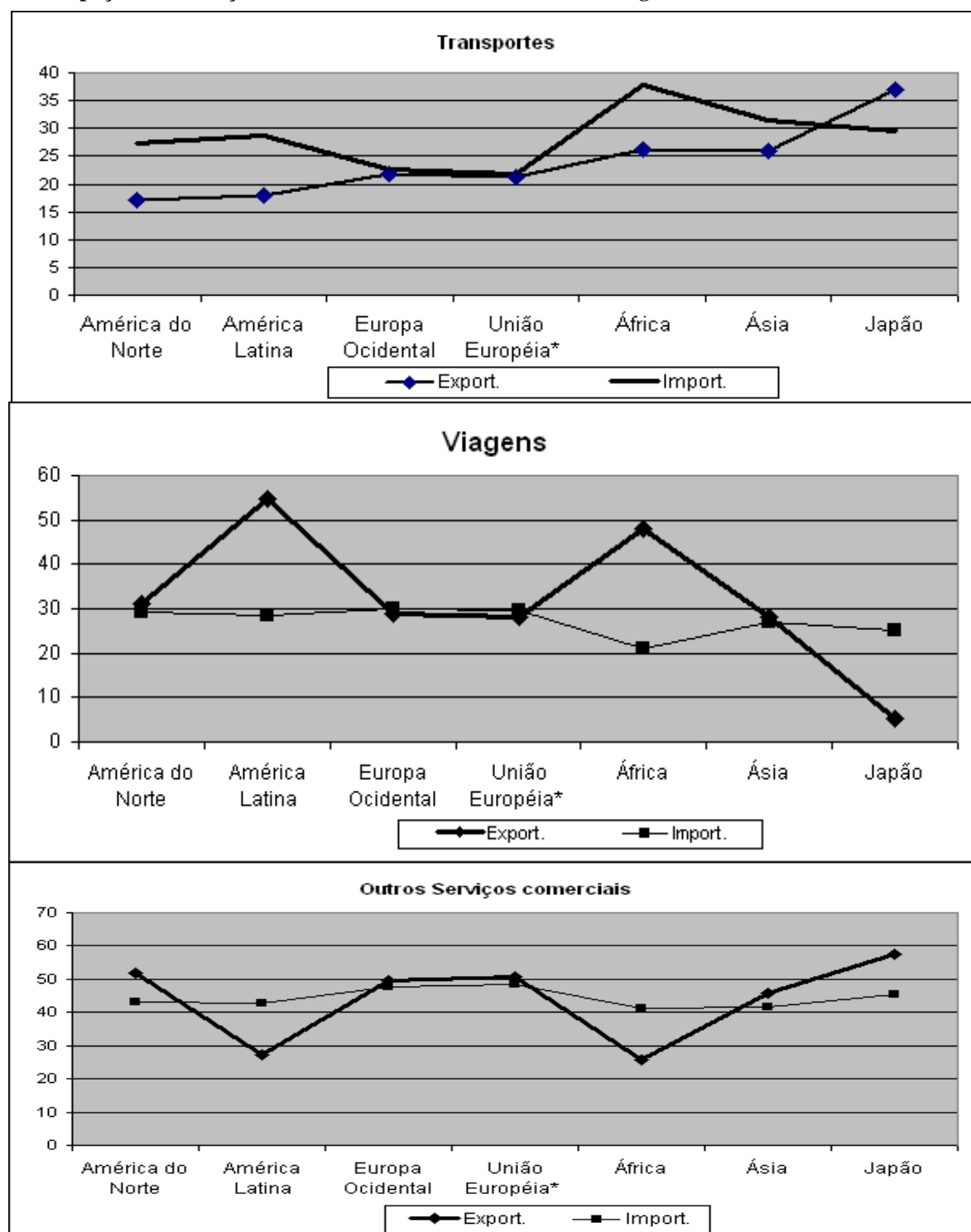
Fonte: *World Trade Organization Report*, 2003. Elaboração da autora. * 15 países

Os Transportes correspondem à categoria de serviços comerciais que apresenta a menor participação em exportações em todas as regiões mundiais onde, com exceção do Japão, a participação das importações é superior à das exportações. Isto significa que os países se utilizam com maior intensidade de empresas transportadoras externas que acompanham os bens importados (Tabela 5). Por outro lado, entre as modalidades de Outros serviços, se as importações representam entre 40% a 50% do total de cada região, as exportações das regiões menos desenvolvidas da América Latina e da África compõem apenas em torno de 26%. O Japão é o maior exportador destes tipos de serviços. Os únicos itens de serviços em que as regiões menos avançadas da América Latina e África ultrapassam as demais em exportações corresponde a Viagens, respectivamente com 55% e 48%, ou seja, recebem proporcionalmente um número superior de gastos de turistas em seus países.

Observando-se a participação das exportações de bens e de serviços comerciais no total das exportações mundiais de economias selecionadas, como apresentado na Tabela 6, é verificado que em 2002, a Europa Ocidental participava com o maior volume das exportações mundiais (acima de 42%), e os serviços equivaliam a 9,7% do total mundial. Os 15 países da União Européia exportaram um valor de bens e serviços que representou 91,5% do total da Europa Ocidental e especificamente os serviços comerciais também participaram com 90% do total das exportações de serviços da região.

Gráfico 1

Participação dos Serviços Comerciais no Comércio Exterior em regiões selecionadas



Fonte: *World Trade Organization Report, 2003*. Elaboração da autora.

* 15 países

A Ásia e a América do Norte mostraram uma representatividade de suas importações respectivamente de 24,5% e 21% do total mundial, enquanto seus serviços participavam com 4,7% e 3,2%. Por sua vez, as regiões da América Latina e da Europa Oriental, cujo nível de industrialização é menor, apresentam um volume em torno de 5% do global mundial, dos quais os serviços concorrem com menos de 1%.

Para a maior parte dos países de vários níveis de desenvolvimento das exportações de serviços se situa em torno de 15% a 20% do global. As exceções são apresentadas pela Grécia (67%) e Egito (56%), onde predominam os serviços de Turismo. No entanto, em termos de valor absoluto em US\$, alguns países apresentam volume não desprezível, correspondente a cerca de 1/3 do valor movimentado, como os Estados Unidos, Áustria, Espanha e Reino Unido, entre os desenvolvidos e Índia. Países como Argentina, México, Nigéria, Filipinas e Indonésia, revelam baixa representatividade (abaixo de 10%). Neste contexto o Brasil mostra uma movimentação de serviços comerciais aproximada a 13%, equivalente à média regional e inferior apenas ao Chile, apresentando volume de exportações até superior ao do México.

Quanto às Importações (Tabela 7), é importante salientar que grande parte destas importações são insumos comprados por empresas e observa-se que os países mais avançados dependem menos da importação para sustentar o dinamismo da economia. A composição das importações das grandes regiões mundiais não difere significativamente da apresentada para as exportações. Na quase totalidade das regiões, a participação dos serviços comerciais no total das importações é inferior do que no total das exportações. A exceção se dá na América do Norte, onde a importância relativa das importações de serviços no total importado (24,5%) é superior à das exportações (15,1%)

No entanto, entre os países de cada macroregião, existem diversidades de comportamento. O país que em sua pauta de importações participa com o maior volume de serviços é a Irlanda (acima de 44%), mas também a Áustria, Dinamarca, Noruega, a Nigéria, e Indonésia, revelam em 2002 uma representatividade acima de 30%. Por outro lado, os menores importadores relativos de serviços foram o México (9%) e a Turquia (11,6%). Os demais países apresentam participação que variam de 14% a 26%. Salienta-se que não existe relação direta entre a representatividade da importação de serviços de uma economia e o nível de desenvolvimento do país, porém existe uma relação com o ambiente econômico conjuntural de maior ou menor dinamismo em cada período.

Tabela 6

Participação de bens e serviços comerciais no total das Exportações em economias selecionadas

2002

Regiões e Países	Valor US\$Bi	Participação (%)		Regiões e Países	Valor US\$Bi	Participação (%)	
		Bens	Serviços Comer- ciais			Bens	Serviços Comer- ciais
Mundo	7900	80,1	19,9	África	173	82,1	17,9
América do Norte	1258	75,5	24,5	Egito	16	44,3	55,7
Canadá	300	87,9	12,1	Marrocos	12	65,8	34,2
Estados Unidos	958	71,5	28,5	Nigéria	...	94	6
América Latina	414	86,4	13,6	África do Sul	35	87,6	12,4
Argentina	28	90,1	9,9	Tunísia	9	72,5	27,5
Brasil	69	87,2	12,8	Ásia	2097	84,7	15,3
Chile	22	83,6	16,4	Austrália	82	79,5	20,5
Colômbia	14	87,4	12,6	China	365	89,2	10,8
México	173	92,8	7,2	República da Coreia	190	85,7	14,3
Venezuela	...	96,1	3,9	Filipinas	37	91,9	8,1
Europa Ocidental	3336	77,1	22,9	Hong Kong, China	245	81,6	18,4
Alemanha	715	86,1	13,9	Índia	74	68,3	31,7
Áustria	109	67,9	32,1	Indonésia	64	91,6	8,4
Bélgica	201	82,7	17,3	Japão	460	85,9	14,1
Dinamarca	81	68,6	31,4	Malásia	108	86,4	13,6
Espanha	188	66,9	33,1	Nova Zelândia	20	73,5	26,5
Finlândia	51	88	12	Singapura	153	82,4	17,6
França	392	78,1	21,9	Tailândia	82	81,4	18,6
Grécia	30	32,9	67,1	Taipe, China	151	86	14
Irlanda	114	75,3	24,7	União Européia*	3031	77,4	22,6
Itália	313	81	19	Europa Oriental, Estad. Bálticos,CEI	379	84,2	15,8
Noruega	79	75,9	24,1	Hungria	43	81,8	18,2
Países Baixos	266	79,6	20,4	Polônia	55	81,7	18,3
Portugal	37	73,5	26,5	República Checa	45	84,5	15,5
Reino Unido	402	69,4	30,6	Feder. Russa	120	89,3	10,7
Suécia	104	78,4	21,6	Ucrânia	23	80,3	19,7
Suíça	131	78,6	21,4				
Turquia	54	72,7	27,3				

Fonte: World Trade Organization Report, 2003

Nota: As cifras do comércio de mercadorias foi calculado a partir das estatísticas da Balança de Pagamentos e não coincidem com as estatísticas do comércio de mercadorias que figuram em outras partes do Relatório. É provável que para a maioria das economias o comércio de serviços comerciais esteja subestimado.

(*) 15 países

Tabela 7

**Participação de bens e serviços comerciais no total das Importações em economias selecionadas
2002**

Regiões e Países	Valor US\$Bi	Participação (%)		Regiões e Países	Valor US\$Bi	Participação (%)	
		Bens	Serviços Comer- ciais			Bens	Serviços Comer- ciais
Mundo	7810	80,2	19,8	África	165	75,6	24,4
América do Norte	1640	84,9	15,1	Egito	19	68,2	31,8
Canadá	269	84,4	15,6	Marrocos	13	85,1	14,9
Estados Unidos	1370	85,0	15,0	Nigéria	...	70,7	29,3
América Latina	408	84,1	15,9	África do Sul	32	83,7	16,3
Argentina	13	65,7	34,3	Tunísia	10	86,9	13,1
Brasil	61	77,6	22,4	Ásia	1913	80,8	19,2
Chile	20	77,6	22,4	Austrália	88	80,1	19,9
Colômbia	15	78,9	21,1	China	328	85,9	14,1
México	186	90,8	9,2	República da Coreia	184	80,8	19,2
Venezuela	...	80,4	19,6	Filipinas	34	87,7	12,3
Europa Ocidental	3147	77,3	22,7	Hong Kong, China	230	89,5	10,5
Alemanha	642	76,8	23,2	Índia	79	72,3	27,7
Áustria	105	67,1	32,9	Indonésia	52	69,1	30,9
Bélgica	193	81,9	18,1	Japão	408	73,9	26,1
Dinamarca	71	66,7	33,3	Malásia	91	82,2	17,8
Espanha	197	80,9	19,1	Nova Zelândia	19	75,2	24,8
Finlândia	40	79,1	20,9	Singapura	130	84,2	15,8
França	365	81,3	18,7	Tailândia	74	77,5	22,5
Grécia	42	75,2	24,8	Taipe, China	129	81,2	18,8
Irlanda	91	55,8	44,2				
Itália	299	79,4	20,6	União Européia*	2878	76,8	23,2
Noruega	52	68,4	31,6	Europa Oriental, Estad. Bálticos,CEI	358	81,8	18,2
Países Baixos	241	76,9	23,1	Hungria	44	83,9	16,1
Portugal	46	85,7	14,3	Polónia	59	85,1	14,9
Reino Unido	434	76,6	23,4	Rep. Checa	47	86,5	13,5
Suécia	88	73,8	26,2	Feder. Russa	82	74,0	26,0
Suiça	112	86,3	13,7	Ucrânia	21	85,1	14,9
Turquia	54	88,4	11,6				

Fonte: World Trade Organization Report, 2003

Nota: As cifras do comércio de mercadorias foi calculado a partir das estatísticas da Balança de Pagamentos e não coincidem com as estatísticas do comércio de mercadorias que figuram em outras partes do Relatório. É provável que para a maioria das economias o comércio de serviços comerciais esteja subestimado.

(*) 15 países

A Tabela 8 que apresenta os maiores exportadores e importadores da América Latina segundo os países, permite observar-se a situação do Brasil no contexto de nações em desenvolvimentos em que está inserido. Observa-se primeiramente que a Balança Comercial do grupo em relação ao comércio de serviços era deficitária em 2002 em US\$ 8,7 bilhões e os países que constam tanto como maiores exportadores quanto importadores de serviços, ou seja, o México e Brasil também apresentavam déficits consideráveis respectivamente de US\$ 4,5 bilhões e US\$ 4,8 bilhões. Outros países mais desenvolvidos da região, como Chile, Argentina e República Dominicana, embora com volumes menos significativos de comércio, também estavam em situação de déficit, enquanto países de menor dinâmica econômica apresentam superávit que compensa em parte o déficit global da região. Dessa forma, fica patente a relação entre nível de desenvolvimento econômico e importação de serviços comerciais dos países em desenvolvimento que não estão ainda em condições de se suprirem internamente dos serviços que alavancam o dinamismo da economia.

Verifica-se por outro lado que a composição destes maiores comerciantes mundiais de serviços da América Latina, permaneceu a mesma em relação às exportações desde meados da década de 1990, embora o México e o Brasil tenham aumentado a participação em 2002 em contrapartida à diminuição do Chile e da Argentina. No que se refere às importações, enquanto o México e Chile mostraram aumento na representatividade no contexto latino-americano, o Brasil e Argentina de 1995 a 2002 apresentaram um período de estagnação econômica resultante da fragilidade externa, o que resultou em diminuição das participações na região.

Com relação às taxas de crescimento, no período de 1995 a 2000, o crescimento médio anual das exportações e importações de serviços comerciais da América Latina foi da ordem de 6% e 5% respectivamente, e com exceção da Venezuela (-7% para as exportações), o crescimento foi positivo nos países selecionados. O pico de crescimento foi no ano de 2000, em que a média da região atingiu 11% de crescimento e México e Brasil tiveram crescimento surpreendente de respectivamente 17% e 30% nas exportações e 19% e 17% nas importações de serviços. Como visto anteriormente, as dificuldades apresentadas no comércio mundial no ano de 2001, em razão dos ataques terroristas aos Estados Unidos, se refletiram grandemente na região latino-americana e com poucas exceções, o crescimento das exportações de serviços foi negativo, situação que perdurou no ano seguinte.

Tabela 8

Principais atuantes do Comércio Internacional de Serviços Comerciais da América Latina

Países	Valor (US\$ bilhões)	Participação (%)		Variação porcentual anual (%)			
		1995	2002	1995-00	2000	2001	2002
EXPORTADORES							
América Latina	56,2	100,0	100,0	6	11	-2	-4
México	12,5	21,7	22,2	7	17	-7	-1
Brasil	8,8	13,6	15,7	8	30	-3	1
Chile	3,6	7,4	6,4	2	4	3	-4
República Dominicana	3,0	4,3	5,3	11	14	-4	-2
Argentina	2,8	8,3	5,0	4	3	-9	-33
Cuba	...	3,2	4,4	14	4	-4	...
Panamá	2,3	2,9	4,0	7	7	-1	26
Costa Rica	...	2,2	3,5	14	15	8	...
Bahamas	1,9	3,4	3,4	6	12	-7	2
Jamaica	1,9	3,6	3,3	5	2	-6	0
Colômbia	1,8	3,7	3,2	4	6	7	-16
Antilhas Neerlandesas	1,7	3,3	3,0	2	10	1	4
Peru	1,4	2,4	2,5	7	-1	-6	3
Venezuela	...	3,5	1,9	-7	-7	5	...
Guatemala	1,0	1,4	1,9	2	7	35	11
IMPORTADORES							
América Latina	64,9	100,0	100,0	5	11	1	-9
México	17,0	16,6	26,2	13	19	-1	3
Brasil	13,6	24,3	21,0	3	17	2	-14
Chile	4,6	6,5	7,0	5	1	4	-2
Argentina	4,4	12,9	6,8	5	4	-7	-46
Venezuela	...	8,6	6,1	-3	14	9	...
Colômbia	3,2	5,2	5,0	3	6	9	-9
Peru	2,3	3,3	3,5	5	4	-4	6
Jamaica	1,5	2,0	2,4	6	10	5	4
Equador	1,5	2,1	2,3	1	7	13	8
República Dominicana	1,2	1,8	1,9	7	9	-7	-1
Panamá	1,2	1,9	1,9	1	0	0	10
Costa Rica	...	1,7	1,8	7	7	-1	...
El Salvador	1,0	0,9	1,6	13	14	16	-2
Guatemala	1,0	1,2	1,5	3	3	13	12
Bahamas	0,9	1,1	1,4	9	5	-9	3

Fonte: World Trade Organization Report, 2003. Elaboração da autora.

Os países da OCDE e os mais desenvolvidos representados pelo grupo denominado G7, no final da década de 1990 e início do novo século apresentam em média um crescimento anual respectivamente em torno de 3,3% e 2,2% nas exportações de serviços e de mais de 4% e 2,7% nas importações, como retratado na Tabela 9. Como visto anteriormente, estas taxas foram infladas no ano de 2002 pelos serviços de Seguros que apresentaram um crescimento surpreendente após os acontecimentos terroristas de 11 de Setembro de 2001. Pela mesma razão, observou-se queda considerável de importações de serviços pessoais, culturais e de lazer e dos financeiros.

No desempenho do Comércio Exterior de serviços destes países, chama a atenção o decréscimo considerável das atividades de Construção no período, e as taxas consideráveis de elevação do comércio de serviços de computação e informação.

O desempenho do comércio Exterior de serviços no Brasil especificamente, começou a tomar expressão a partir dos anos 1980, com o avanço tecnológico que se iniciou em ramos mais modernos destas atividades e o dinamismo destas trocas internacionais ultrapassou o do comércio de mercadorias. Pesquisa de Horta e outros (1998)¹⁵ ressalta que entre 1970 e 1980 a relação entre exportações de serviços comerciais e de mercadorias apresentava queda e em 1980 já se eleva para 18,8% e em 1995 para 24,1%. No país as taxas de exportações de serviços comerciais tiveram crescimento superior ao das mercadorias nos períodos de 1970/75, 1985/90 e 1990/95.

Esta pesquisa mostra o maior dinamismo nas atividades que incluem serviços tecnologicamente mais modernos incluídos na categoria de Diversos, que aumentaram a participação nas exportações mundiais de serviços de mais de 31% em 1970 para acima de 43% em 1995. No entanto comparativamente a países mais avançados, as exportações e importações brasileiras de serviços ainda apresentam um baixo dinamismo. No caso das exportações do Brasil o maior dinamismo ligado às mercadorias, reflete políticas de incentivos ligadas a estas atividades em detrimento dos serviços. No caso das importações de serviços a falta de dinamismo está associada ao período de contenção da atividade econômica desde os anos 1980, resultante das políticas públicas recorrentes de estabilização da inflação e do ajuste da Balança de Pagamentos.

Tabela 9

Variação anual do Comércio Exterior de Serviços Comerciais em países selecionados

Regiões selecionadas	Exportações		Importações	
	Variação anual %, 2001-2002	Variação anual média %, 1997-2002	Variação anual %, 2001-2002	Variação anual média %, 1997-2002
OCDE - TOTAL				
TOTAL de SERVIÇOS	5,6	3,3	5,7	4,1
Transportes	3,6	0,9	3,3	1,5
Viagens	2,7	1,6	4,2	2,6
Comunicações	-2,1	4,8 *	-1,7	1,1 *
Construção	3,5	-8,7	3,0	-6,7
Seguros	52,3	12,8	22,8	12,7
Financeiros	5,1	8,1 *	0,4	7,1 *
Computação e informação	7,1	17,4	2,2	11,4
Royalties e licenças	6,6	5,7	5,9	6,3
Pessoais, culturais de lazer	7,7	8,7	-9,6	-1,8
Governamentais	10,6	-0,8	24,2	6,6
G7 – SETE MAIORES				
TOTAL de SERVIÇOS	5,1	2,2	4,1	2,7
Transportes	5,0	-0,1	3,9	1,2
Transportes marítimos	0,4	-1,5	1,8	-0,7
Transportes aéreos	8,5	0,4	5,1	2,0
Outros transportes	4,7	0,7	5,4	3,5
Viagens	1,0	0,1	2,4	1,4
Comunicações	-3,6	2,9	-1,1	-1,8
Construção	4,2	-9,7	1,4	-4,4
Seguros	64,7	12,5	24,2	14,3
Financeiros	3,8	5,6	-5,6	2,1
Computação e informação	1,9	10,7	-2,5	10,2
Royalties e licenças	6,8	5,7	4,9	5,7
Outros serviços a empresas	4,8	4,9	4,8	5,4
Pessoais, culturais de lazer	9,0	10,9	-18,3	0,5
Governamentais	7,8	-2,4	18,4	6,8

Fonte: OCDE, *Estatísticas sobre as trocas internacionais de serviços* Volume I, © OCDE / Eurostat, 2004 . *Estimado pelo Secretariado da OCDE

4. Considerações Finais

Durante algumas décadas, a análise do setor de serviços como complementar teve alguma validade histórica em cidades de países avançados, mas é uma simplificação do papel que as atividades de serviços estão desempenhando na atualidade nestes países e principalmente nos menos desenvolvidos. Podemos encontrar atualmente alguns países cujas economias são orientadas para o desenvolvimento dos serviços e não podemos supor que nestes países o setor terciário seja sinônimo de subordinação e fraqueza. Alguns autores salientam que é uma interpretação errônea considerar-se que os serviços crescem apenas às expensas das atividades manufatureiras e que o desenvolvimento das atividades de serviços seja visualizado como um novo estágio do crescimento econômico. No primeiro caso, o desenvolvimento da circulação, distribuição e regulação das atividades reflete a necessidade das firmas de dedicar montantes crescentes de recursos aos serviços a fim de aumentar sua produtividade e sua capacidade de inovação. No segundo caso, o desenvolvimento das atividades de serviços reflete apenas uma evolução constante dos sistemas produtivos e a terciarização não é um fenômeno separado ainda que seja relacionada à desindustrialização.

A reestruturação da composição das atividades produtivas das economias de diferentes níveis de desenvolvimento foi associada à velocidade e ao grau de inovação tecnológica nos processos produtivos e organizacionais, principalmente ligados ao setor de serviços, ou seja, no campo da telemática, e outros processos de telecomunicações, serviços de informática, relacionados à transferência de informação e conhecimento. Além disto, a relevância dos serviços no comércio internacional foi observada através da experiência tanto das economias modernas como das menos avançadas, bem como o impacto sobre o desenvolvimento local e regional destas economias. Estas transformações regionais levaram recentemente a um modelo teórico diferente de influências econômicas baseadas em lugares-centrais distintos ou distintos pólos de crescimento em uma mesma região, ao invés da anterior teoria sobre um único lugar-central.

Bibliografia

- AMADEO, Edward, *A Globalização e sua Dimensão Trabalhista*, MTb, Brasília, <http://www.mtb.gov.br>, 2000.
- CASTELLS, Manuel, *A Sociedade em Rede*, Paz e Terra, São Paulo, 1999, p. 419.
- CEPAL, “Capital social: sus potencialidades y limitaciones para la puesta en marcha de políticas y programas sociales”, *Capital Social*, Cap. IV, Santiago de Chile, 2002.
- DANIELS, Peter W., LEVER, William F. (Orgs.). *The global economy in transition*. Harlow: Longman, 1996.
- HORTA, Maria Helena, SOUZA, Carlos Frederico e WADDINGTON, Sérgio da Cruz, *Desempenho do setor de serviços brasileiro no mercado internacional*, Texto para discussão N° 600, IPEA, Rio de Janeiro, 1998, p.20.
- KON, Anita, *Economia Industrial*, Nobel, São Paulo, 1994.
- KON, Anita, *Service Industries and Economic Development*, University of Illinois at Urbana-Champaign/UIUC, Research Report, December, 1996.
- LERDA, Juan Carlos. "Globalización y pérdida de autonomía de las autoridades fiscales, bancarias y monetarias", em *Revista de la CEPAL*, N°58, abril de 1996
- SANTOS, Milton “ O retorno do território”, em Santos e outros, *Território, Globalização e Fragmentação*, HUCITEC/ANPUR, São Paulo, 1994.
- SAUVANT, Karl P., *The Transnationalization of Service Industries*, United Nation, Transnational Corporations and Management Division, NY, 1993.
- SVETLICIC, M. *Development and International Cooperation*. Faculty of Social Sciences, Ljubljana, 1993.
- UN, *The Transnationalization of Services Industries*. United Nations, New York, 1993.
- WORLD BANK, *Selected World Development Indicators- 2000/2001*, Genebra, 2002.
- WORLD BANK, *Selected World Development Indicators- 2000/2001*, Genebra, 2002.
-

